

Vozes negras no romance

hispano-americano: uma experiência no Festival Maré de Arte/2013

Liliam Ramos da Silva: Instituto de Letras - UFRGS
Acadêmicas de Letras: Andressa Bastos Paz e Juliana Bastos Paz

Os estudos literários, em especial os latino-americanos, têm como característica fundamental a abordagem da problemática questão da formação de identidades, tema recorrente nas literaturas de países colonizados como, por exemplo, os países latino-americanos.

A América é um continente que desde a época da chegada dos europeus tenta, através do pensamento intelectual e também dos textos literários, buscar uma definição de identidade. Tal fato torna-se complexo devido às diversas contribuições culturais de indivíduos que imigraram, sem esquecer-se, obviamente, dos habitantes que aqui já estavam (indígenas) e daqueles que foram trazidos contra a sua vontade (africanos escravizados). A escravidão do homem pelo homem ocorre desde a Antiguidade; no entanto, é possível afirmar que o tráfico africano foi o momento no qual o escravo deixou de ter valor humano e passou a ter um valor equivalente a objetos.

Para trabalhar no desenvolvimento das colônias americanas foi organizada a maior migração humana da história, foram quatrocentos anos de travessia compulsória em navios negreiros que trouxeram consequências sociais e políticas em todos os países que receberam escravos. Nesse sentido, desenvolvemos, desde 2012, a pesquisa *Vozes negras no romance hispano-americano*, que objetiva rastrear os romances escritos nos países hispano-americanos que contenham personagens negros como protagonistas e analisá-los com relação às suas atitudes e perspectivas na

sociedade escravocrata. Uma das questões é entender de que maneira as histórias da escravidão nas Américas foram reescritas, sob qual perspectiva de enunciação e, como se apresentam os vestígios e as memórias da cultura afrodescendente nos romances.

No período de desenvolvimento da pesquisa foi proposto que houvesse um Grupo de Estudos no âmbito da extensão para que alunos de graduação pudessem participar das discussões sobre a representatividade do personagem negro nos romances hispano-americanos. Como se trata de um trabalho bastante extenso – busca e catalogação de obras – foi extremamente pertinente a presença de duas alunas da graduação em Licenciatura em Letras/Espanhol para o desenvolvimento do trabalho.

Ao tomar conhecimento do Festival de Inverno Maré de Arte/2013, realizado pela UFRGS no município de Tramandaí – RS, pensamos em oferecer uma oficina a crianças de 6 a 9 anos para fazê-los entrar em contato com a história e os personagens negros da parte hispânica do continente americano. Nesta oficina, baseados em romances escritos na América hispânica, procuramos resgatar as histórias de negros escravos que, à época da escravidão, tornaram-se figuras importantes ao tentar modificar as relações sociais. O imaginário infantil costuma ser povoado por histórias de reis/rainhas/princesas baseados em personagens medievais europeus e, portanto, brancos.



Fotografia: Leandro Rodrigues

Infelizmente, muitas crianças não têm a oportunidade de conhecer as histórias de personagens negros, muito menos daqueles que tiveram uma atuação relevante à época da escravidão nas Américas. A partir da contação de histórias do personagem Mackandal, presente nas obras *El reino de este mundo* (1949) do cubano Alejo Carpentier e *La isla bajo el mar* (2009), da chilena Isabel Allende (além de outros romances escritos em outras línguas), as crianças pintaram as histórias ilustradas apresentadas em forma de livro (as imagens foram retiradas da internet) e, logo, foram estimuladas a elaborar desenhos que demonstrassem a sua interpretação da narrativa. Os desenhos foram inseridos em um livro com uma nova apresentação, totalmente ilustrada pelas crianças participantes da oficina, cujo título é “O mito de Mackandal”.

Mackandal foi um negro escravo levado a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar da ilha de Saint-Domingue, atual Haiti. Como muitos outros africanos, não se conhece muito bem sua origem, mas sabe-se que era um escravo que possuía muitos conhecimentos da utilização de ervas medicinais, sabia ler e escrever e seguia a tradição muçulmana. Ao perder o braço em um moedor de canas, sem serventia para o trabalho na plantação, passa a estudar os elementos da natureza (ervas, raízes, frutas, sementes, fungos) nascidos

em solo americano e aprende a utilizá-los. Como não aceitava a escravidão, preparou durante muito tempo a sua fuga, sem nunca deixar de pensar em seu povo africano escravizado, já que sua libertação também estava em seus planos. Praticante do vodu, religião surgida nas Américas que se utiliza de elementos naturais para fazer uma ligação entre o mundo material e o mundo dos espíritos, foge da plantação para preparar-se para a revolução, tornando-se um mito naquele espaço geográfico, e suas histórias fantásticas de transformações em animais e plantas passou a percorrer toda a ilha. Foi o primeiro escravo que incitou a liberdade aos negros do Haiti, e sua história de perseguição e morte faz parte da cultura da ilha até os dias de hoje.

Os relatos históricos contam que os brancos o prenderam e o queimaram vivo em uma fogueira em praça pública, mas os negros não acreditavam que ele morreria e há duas versões para o acontecimento de sua execução. A versão oficial, da História tradicional, conta que após tentar fugir, os policiais agarram-no novamente e o queimaram. Por outro lado, a versão mítica dos negros escravos foi muito diferente. Para eles, Mackandal se soltou das correntes, saltou por cima dos troncos ardentes e quando os soldados iam prendê-lo, ele se transformou em borboleta e saiu voando pelas terras haitianas. Percebem-se, portanto, duas versões de

uma mesma história que, no entender do pensamento racional e físico, tal “transformação” seria impossível. Aqueles que acreditaram na hipótese ‘fantástica’ transmitiram-na a todos os habitantes da ilha, fazendo com que o mito se propagasse através dos tempos, tornando-se, assim, parte da história – mítica – da independência do Haiti.

Em 1804, a proclamação da República Negra do Haiti - que retoma o nome original da ilha antes da chegada dos europeus - apresentou um caráter radicalmente revolucionário. A construção de um espaço no qual todos os habitantes fossem considerados cidadãos, independentemente da cor da pele, era novidade no mundo moderno de então, inclusive na África. Os negros do Novo Mundo colocam em questão a exploração de seres humanos e também todo um sistema mental e até filosófico que guiava os intelectuais da época de que a população negra estaria condenada a servir o branco e que a escravidão das pessoas de cor mais escura era natural, sancionada pelos costumes, pela lei e pela religião.

A oficina teve como objetivo ampliar as possibilidades de leitura e de interpretação de obras infantis cujo protagonista foi um negro escravo, na perspectiva da discussão das questões que envolvem os diferentes personagens do imaginário da criança, enfatizando as questões éticas e sociais e com a intenção de ampliar as

possibilidades de aceitação das diferenças e de (re)conhecimento identitário a partir de um herói negro. Em relação direta com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana em escolas, partimos de narrativas de escravos em espaços geográficos de colonização espanhola (e, no caso de Mackandal, francesa) para (re)contar as histórias da escravidão.

Cabe ressaltar, portanto, a literatura como recurso pedagógico potencializador da força comunicativa e expressiva da linguagem escrita e imagética totalmente relacionada com a diversidade étnica. Também é um meio de divulgação do conhecimento sobre os países hispano-americanos, cujas histórias de colonização e escravidão foram tão semelhantes às dos brasileiros, porém não são estudadas com sua devida importância nas escolas de educação básica.

Pretendemos, futuramente, elaborar uma coleção de livros infantis cujos personagens sejam negros que, assim como Mackandal, atuaram ativamente na história da escravidão de seus países. O próximo personagem a ser trabalhado em oficinas será o escravo Benkos Biojo, o fundador do primeiro quilombo das Américas, o *Palenque de San Basilio*, localizado em Cartagena de Índias, na Colômbia. A ideia é oferecer as oficinas em escolas de educação pública da cidade de Porto Alegre/RS. ◀

Referências

ALLENDE, Isabel. **La isla bajo el mar**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

LAROCHE, Maximilien. Verbete: Mackandal. In: BERND, Zilá. **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**: DFMLA. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007. p. 387 – 394.

SILVA, J.A.N. A implementação da Lei 10.639/03 na educação infantil: contação de histórias que contemplam a diversidade étnicorracial. **Anais do V EPEAL – V Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas**. 2010. Disponível em <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/A-IMPLEMENTACAO-DA-LEI-10.63903-NA-EDUCACAO-INFANTIL-CONTACAO-DE-HISTORIAS-QUE-CONTEMPLAM-A-DIVER.pdf>> Acesso em 09.ago.2014

SILVA, Liliam R. El negro toma la palabra y (re)cuenta la historia: la conformación de la identidad negra en novelas históricas hispanoamericanas. In: **Hispanista**, nº 56. Disponível em <<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo448.htm>> Acesso em 04 de agosto de 2014.